



**Capitalismo de  
Vigilância na  
Sociedade da  
Transparência:  
Um estudo  
discursivo sobre  
as bibliotecas da  
Universidade de  
Berkeley**

**Ana Elisa Sobral  
Caetano da Silva  
Ferreira<sup>1</sup>**

**Surveillance  
Capitalism in the  
Transparency  
Society: A  
discursive study  
on the libraries of  
the University of  
Berkeley**

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de São Carlos.  
E-mail: [anaelisaferreira@ifsp.edu.br](mailto:anaelisaferreira@ifsp.edu.br)

**Resumo:**

A reforma da biblioteca Moffitt (2016) da Universidade de Berkeley é o ponto de partida para o debate que propõe uma reflexão sobre os processos discursivos e sua materialização nos espaços urbanos. Tendo a Midiologia (DEBRAY, 1995) como aporte teórico-metodológico refletiremos sobre as possíveis influências do Capitalismo de Vigilância (ZUBOFF, 2019) e do *Homo economicus* (DEBRAY, 2019) na nossa proposta de atualização do conceito de assujeitamento (PÊCHEUX, 1995) do sujeito discursivo e seus desdobramentos nos objetos técnicos que o cercam na Sociedade da Transparência (HAN, 2017).

**Palavras-chave:** Capitalismo de Vigilância; Sociedade da Transparência; Midiologia.

**Abstract:**

The remodeling of Moffitt library (2016) at the University of Berkeley is the stepping stone to debate about discursive processes and how they are materialized in urban spaces. Using Debray's *Midiology* (1995) as our theory and method, we will reflect on possible influences of Zubboff's *Surveillance Capitalism* (2019) and Debray's *Homo economicus* (2019) on our suggested updated of Pêcheux's (1995) concept *L'assujettissement* and its influence on the technical objects in the Transparency Society by Han (2017).

**Keywords:** Surveillance Capitalism; Society of Transparency; Midiology

## Introdução

### As rachaduras seminais do discurso

Enquanto eu olhava, essa rachadura rapidamente alargou-se [...].  
Meu cérebro vacilou quando vi aquelas maciças paredes caírem em pedaços.  
Houve o som de uma demorada e tumultuada gritaria,  
como o ruído de mil aguaceiros, e o lago profundo e frígido  
a meus pés se fechou sombria e silenciosamente  
sobre os destroços da “casa de Usher”.

*A queda da casa de Usher*  
Edgar Allan Poe

Régis Debray (1995), em seu livro *Manifestos Midiológicos*, introduz a Midiologia como uma possível metodologia para análise da transmissão simbólica no campo comunicacional. Ao entendermos que essa ciência estuda o poder das mediações, analisaremos a reforma da biblioteca Moffit, seus aspectos diacrônicos, ou seja, as histórias e as memórias que ela convoca, e seus aspectos sincrônicos: as relações que esse espaço estabelece com outros lugares compartilhando determinadas características marcadas pelo seu tempo. Nesse trabalho de “estabelecer ligações onde elas não existiam” (DEBRAY, 2004b, p. 143), investigaremos as marcas do *Homo economicus* (DEBRAY, 2019) e do Capitalismo de Vigilância (ZUBOFF, 2019) transformando memórias estabilizadas ao redefinir o que é, ou poderia ser, uma biblioteca.

Localizada na Califórnia, mais precisamente na Bay Area, a cidade americana de Berkeley tem seu nome devido à University of California Berkeley (UCB); pode-se até dizer que a luz do conhecimento chegou antes dos seus habitantes. UCB já contava com sua primeira biblioteca em 1874, porém o pequeno espaço no South Hall, depois transferido para Bacon Hall em 1881, não era suficiente para representar a grandiosidade que a universidade merecia, afinal, para muitos ela era a “Atenas do Oeste”.

Uma Atenas precisa de seu Partenon, portanto, em 1911, o então presidente da universidade Benjamin Ide Wheeler convenceu Charles Franklin Doe a custear a biblioteca afirmando: “enquanto não tivermos uma grande biblioteca [...] não teremos uma grande

universidade”<sup>1</sup>. Foi assim que a Doe Memorial Library nasceu para abrigar mais de 13 milhões de volumes, com 100 mil usuários e quase 3 milhões de visitantes online. Para Joseph Rowell, diretor geral da biblioteca, era preciso “solidez e força para sustentar o nobre peso dos livros”<sup>2</sup>, uma semântica que não imaginava um mundo do conhecimento na “leveza” das nuvens digitais.

A biblioteca tornou-se a mente e o coração de UC Berkeley, segundo o lema adotado pela universidade<sup>3</sup>. Com seu estilo neoclássico, guardava o saber entre paredes de mármore e silêncio sepulcral, porém um dos edifícios ligados ao prédio de Doe Library traria a rachadura seminal de um novo discurso.

Esse edifício é Moffitt Library que se conecta a Doe Library por um braço subterrâneo. Moffitt, também conhecido como Undergraduate Library, destina-se aos jovens integrantes da universidade e passou por uma reforma em 2016 para atender aos anseios dos novos alunos. Espaços amplos, paredes de vidro, mesas comunitárias nas quais a conversa é incentivada a favor da sinergia, da construção em grupo, do almoço no meio dos livros, espaços destinados à soneca, uma biblioteca aberta *ad aeternum*<sup>4</sup>. Um lugar de onde não é preciso sair, a não ser para pegar o próximo ônibus para o escritório do Google.

A reforma pretendia tornar o quarto e o quinto andar de Moffitt espaços *interativos e dinâmicos*, retomando a famosa fala de Robert Gordon Sproul<sup>5</sup> (1930) de que bibliotecas

---

<sup>1</sup> O presidente Benjamin Ide Wheeler convenceu Charles Franklin Doe, um empresário e bibliófilo de São Francisco, a legar fundos para ajudar a pagar por uma nova instalação. Escreveu Wheeler, ‘Enquanto não tivermos uma grande biblioteca...não teremos uma grande universidade.’ As metas estabelecidas pelo bibliotecário-chefe Joseph Rowell, que serviu por 45 anos, incluíam um local central, luz abundante, salas retangulares e solidez e força necessárias para sustentar o grande peso dos livros. Disponível em: <<https://150.berkeley.edu/story/university-library-mind-and-heart-berkeley>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

<sup>2</sup> As metas estabelecidas pelo bibliotecário-chefe Joseph Rowell, que serviu por 45 anos, incluiu uma localização central, luz abundante, salas retangulares e a “solidez e força necessárias para sustentar o grande peso dos livros.

<sup>3</sup> O lema é “The University Library: The mind and heart of Berkeley”. Disponível em: <<https://150.berkeley.edu/story/university-library-mind-and-heart-berkeley>>. Acesso em 7 mai. 2019.

<sup>4</sup> Imagine uma biblioteca de 24 horas onde você pode escrever nas paredes, reorganizar os móveis, comer, beber, conversar acima de um sussurro, estender um tapete de oração, cochilar, realizar uma reunião, praticar para uma entrevista de emprego e usar a mais recente tecnologia - tudo com as majestosas árvores de Berkeley e a paisagem envolvente como pano de fundo. (KELL, 2016, s/p) (tradução nossa)

<sup>5</sup> Uma universidade não é primariamente um lugar para o parcelamento do conhecimento pronto, mas para esse novo pensamento que resulta em novos conhecimentos; que não existe apenas para transmitir fatos, mas para mostrar aos alunos como os fatos são descobertos; que não é um museu no qual pode ser encontrada apenas a sabedoria acumulada do passado, mas que é uma fábrica que vibra com a indústria e produz a mais

não são museus acumulando o antigo saber, mas sim fábricas que cantarolam ao som de indústrias produzindo o saber do futuro. Não é de se admirar, portanto, que a empresa contratada para tornar esse sonho realidade fosse a Gensler, responsável por projetos como as sedes do Facebook, do Instagram e do LinkedIn<sup>6</sup>.

Doe Memorial Library não precisa ser derrubada para que se instale um novo entendimento sobre bibliotecas – as bibliotecas-fábricas – só é preciso que haja um novo espaço, ligado a ela, que ofereça em sua estrutura um outro discurso concretizado, especializado.

A notícia da reabertura de Moffitt depois da reforma (KELL, 2016), publicada no site da universidade, anunciava que um sonho se tornava realidade e que nesse espaço muito *especial*, onde não havia lugar para livros<sup>7</sup>, os alunos teriam “dois andares inteiros para abarcar o ensino e o aprendizado do século 21” (KELL, 2016, s/p., tradução nossa).

A reforma missionária retoma o discurso do *self made man* enraizado na identidade estadunidense. Segundo Kell (2016, s/p, tradução nossa), “nossa missão enquanto biblioteca, diz MaKie-Manson, é ajudar as pessoas a encontrar, avaliar e usar fontes de informação para construir um mundo melhor. E ensinar nossos alunos a se tornarem seus próprios especialistas em informação”<sup>8</sup>.

Esses são efeitos do processo civilizatório, do *self made man* que continua sua eterna jornada para o Oeste em busca da felicidade, descrito por Debray (2019), cujo espírito está no poder da transformação. “Uma civilização em progresso transforma seus entornos na sua própria imagem [...] quando uma sociedade se torna menos propositiva e mais receptiva” (DEBRAY, 2019, p. 22, tradução nossa). Receptiva, inclusive para uma biblioteca sem livros.

---

nova sabedoria do dia. Disponível em: <<https://150.berkeley.edu/story/university-library-mind-and-heart-berkeley>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.gensler.com/projects>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

<sup>7</sup> Unlike traditional libraries, Moffitt no longer has shelves of books, which now are housed at the Main (Gardner) Stacks, a multilevel space with some 2.3 million volumes and an underground entrance accessible from both Moffitt and Doe libraries (KELL, 2016, s/p).

<sup>8</sup> Our mission as a library, says MacKie-Mason, is to help people find, evaluate and use information resources to build a better world. And to teach students to how to become their own information specialists (KELL, 2016, s/p).

A ficção de Bradbury, *Fahrenheit 451*, que foi escrita nos porões da biblioteca de Powell (UCLA) descreve um mundo onde era preciso queimar livros, porém nossa realidade não precisa de incendiários. De um modo mais sutil e incrivelmente eficaz, os livros passam a ser objetos técnicos obsoletos sem espaço nem mesmo em uma biblioteca.

Entendemos a técnica segundo definição de Debray, como

Toda conduta ou atuação que não está inscrita no nosso programa genético. [...]. Acreditamos, a exemplo de muitos outros como o pré historiador André Leroi-Gouhan [1911-86], que o dom da prótese faz o humano do homem, o qual se humaniza mediante a exteriorização das suas faculdades num processo de objetivação sem fim e sem finalidade. O sujeito se constitui como humano com e no objeto. A invenção técnica permite a sucessão cumulativa a que chamamos de cultura (DEBRAY, 2004a, p. 22).

Esse processo de *objetivação sem fim e sem finalidade* está intrinsicamente ligado ao discursivo que transforma os espaços por meio da técnica. Em Moffitt, a queima de livros não exige fogo, pois vem acompanhada de mudanças imperativas na fluidez da pós-modernidade<sup>9</sup> (BAUMAN, 1998).

O objeto técnico *livro* dá espaço aos objetos da era digital. Segundo o site da empresa de arquitetura Gensler<sup>10</sup> um dos objetivos da reforma era transformar o espaço para proporcionar um aprendizado *tech-friendly*<sup>11</sup>. Com a saída dos livros, entram os computadores.

“O *design* cria uma experiência de biblioteca para alunos modernos<sup>12</sup>” que carregam o celular no bolso como uma extensão ou prótese do corpo humano (LEFFA, 2009), alunos que se reconhecem na teoria próstética da tecnologia digital.

A ideia de que os artefatos técnicos representam extensões (projeções, ampliações) do ser humano e, o que não é menor, do corpo humano (os sentidos, os membros, o sistema nervoso, etc.) tornou-se um *topos* do pensamento moderno. Aquilo que poderíamos chamar de a teoria próstética da tecnologia foi formulada numa variedade de textos entre 1860 e 1870 (MARTINS, 2012, p. 15).

---

<sup>9</sup> O conceito de Pós-Modernidade será adotado segundo definição de Bauman que o faz em contraponto ao livro de Freud “O mal estar na civilização”: “É sob esse título que o provocador desafio de Freud ao **folclore da modernidade** penetrou em nossa consciência coletiva” (BAUMAN, 1998, p. 7, grifo nosso).

<sup>10</sup> Disponível em: < <https://www.gensler.com/projects/moffitt-library>>. Acesso em: 6 mai. 2019.

<sup>11</sup> Uma possível tradução para Tech-Friendly seria amigável para tecnologia, tornando o espaço mais convidativo para objetos técnicos da era digital.

<sup>12</sup> Tradução nossa de parte do texto disponível no site da Gensler.

A fluidez exige que o sujeito seja móvel, que o conhecimento caiba no micro, dentro do chip ou armazenado na nuvem com a qual se conecta a um clique. Pesados livros prendem o sujeito pós-moderno que deve sempre estar em movimento, alternando o estar sentado e o estar de pé, a cada vez que seu relógio digital aponta que “é a hora do giro do tronco<sup>13</sup>”. A biblioteca não é mais um lugar de permanência, mas uma passagem.

O *do it yourself*, ou faça você mesmo, é uma das máximas da nova civilização, cujo Capitalismo de Vigilância (explicado doravante), faz parte de um processo, não só econômico, mas identitário. O “Eu” passa a ser aquele que reconhece os objetos técnicos digitais como extensões do próprio corpo, que se filia ao espaço da exposição onde “já não é possível *habitar*”<sup>14</sup> (HAN, 2017, p.46) e que conserva a ilusão de autonomia ao não se questionar sobre seus vestígios<sup>15</sup> no ciberespaço, permitindo que algoritmos assumam o controle e tomem decisões, mascaradas como recomendações.

Assim como a análise que Orlandi (2010) faz da estátua de Fernão Dias Paes Leme, apontando que a identidade resulta de processos de identificação, as paredes transparentes de Moffitt encarnam a mesma *territorialidade* e evocam o discurso que ecoa do vale do Silício.

E temos aí um sofisticado processo discursivo. O de uma estátua que nos faz pensar um corpo – o de Fernão Dias – que se materializa em um sujeito histórico, o Bandeirante, que institui caminhos e forma povoados, situa populações. Povo a solo do Brasil. Transforma espaço em territorialidade, em acontecimento, em história. Em país. Em nação. Submete o chão ao Estado. E este, por seu poder, suas instituições, individualiza seus sujeitos desse chão. (ORLANDI, 2010, p. 10).

O mesmo processo discursivo sofisticado acontece na estrutura de Moffitt ao nos lembrar a quem o poder pertence. A submissão da Academia se dá às empresas de tecnologia que estão a aproximadamente 70 quilômetros de distância de Berkeley. As paredes, as cores, o *modus operandi* da transparência, “um abismo infernal do igual”, que Han (2017) propõe, também é da ordem do espaço. Uma biblioteca de vidro, onde a porta

<sup>13</sup> Mensagem para que o usuário do relógio digital *Samsung Gear S2*, modelo sm-r720, se movimente.

<sup>14</sup> “Habitar significa originariamente ‘estar satisfeito, estar em paz, permanecer onde se está’. A permanente coação por exposição e por desempenho ameaça a paz, fazendo também desaparecer a *coisa* no sentido heideggeriano. Ela não é passível de exposição, pois está plena de *valor cultural*” (HAN, 2017, p.47)

<sup>15</sup> Tradução para o termo *surplus*, utilizado por Zubooff (2019)

mesmo fechada permite saber o que acontece do outro lado, prepara o indivíduo para a sociedade da transparência opaca na qual a informação existe por si e não pelo conhecimento.

*Transparência não é transcendência; a sociedade da transparência é opaca; não é iluminada por aquela luz que promana de uma fonte transcendente. [...] o médium da transparência não é a luz, mas uma radiação opaca, que em vez de iluminar, tudo penetra e torna tudo transparente (HAN, 2017, p. 63, grifo do autor).*

Para o autor, a uniformização da transparência como ordem mundial “nivela o ser humano a um elemento funcional de um sistema (HAN, 2017, p. 10) e tal sistema não permite espaço para contemplação: “a alma humana necessita naturalmente de esferas onde possa estar *junto de si mesma*, sem o olhar do outro” (HAN, 2017, p. 10, grifo do autor). Entretanto, na sociedade da transparência tudo é iluminado, não há espaço para o privado. Nela tudo é resultado e tudo é opinião.

Opiniões sem consistência que, segundo o autor, levam à *democracia líquida* (do inglês, *liquid democracy*) um eterno mudar de cores para que o veredito seja sempre aquilo que “me agrada” (HAN, 2017, p. 17). Uma sociedade que tem aversão ao descontentamento e que usa os botões de curtir e o número de *likes* do perfil do Facebook como termômetro para vida social. Não à toa a reforma de Moffitt veio satisfazer os desejos da geração que cresceu dentro das mídias sociais.

Esse é o sujeito interpelado ideologicamente pela sociedade da transparência; aquele que naturalizou o uso dos objetos técnicos de sua era até não entender mais o que é corpo e o que é máquina; aquele que é guiado pela sugestão dos algoritmos, em suas rotas diárias, em suas escolhas de filmes ou mesmo amigos.

Não nos enganemos, pois a sociedade da transparência só se sustenta na transparência do sujeito interpelado ideologicamente. Essa lógica não se aplica às caixas pretas do vale do Silício, cuja existência é fundamental para que o vazio se estabeleça.

### L'assujettissement: o conceito de Pêcheux

Para que o vazio seja a ideologia vigente, é preciso que o deslizamento aconteça primeiramente no campo discursivo.

A Análise de Discurso (AD) põe em questão sucessivamente as três hipóteses: a de uma língua que teria sido unívoca, a de um sujeito como unidade controlada pela razão e que fosse bem-sucedido em “dizer o que quisesse” e, finalmente, a de conjuntura uniforme porque as sociedades são (sempre foram) divididas em classes ou grupos (POSSENTI, 2004, p. 359).

Esse sujeito, ideologicamente interpelado, tem a ilusão de que é a origem do seu próprio discurso, ignorando que o funcionamento do processo discursivo se dá pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2015). “O homem faz história, mas esta também não lhe é transparente” (ORLANDI, 2015, p. 19), a história que antecede o sujeito é afetada pelo simbólico, nesse sentido não é possível conceituar o sujeito sem considerar o discurso no recorte histórico no qual ele circula.

Pêcheux concordava com Althusser ao dizer que as ideologias não têm origem no sujeito, mas sim “constituem os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1995, p. 129) já que, na concepção desse autor, o discurso antecede o sujeito.

A manutenção dos discursos acontece também por meio dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1998, p. 43), como igrejas, escolas e partidos políticos. A subordinação do homem tem seu percurso histórico passando por essas instituições distintas e especializadas. Orlandi (2015) explica que a subordinação passa da crença na Letra, a palavra divina, às Letras, a palavra do Estado e suas Leis.

O que propomos, e aprofundaremos doravante, é um novo passo nesse percurso: a subordinação aos algoritmos. De acordo com Orlandi (2015, p. 51),

submetendo o sujeito mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o **assujeitamento**<sup>16</sup> se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade.

Se “o sujeito-de-direito é um efeito de uma estrutura social bem determinada: a sociedade capitalista” (ORLANDI, 2015, p. 51), quando existe uma mudança na ordem

---

<sup>16</sup> Grifo nosso

econômica, que entenderemos como Capitalismo de Vigilância, o sujeito-de-direito também é afetado por essa mudança.

Assim como o *Homo politicus* removeu o *Homo religious*, atualmente a subordinação se dá na ordem econômica do *Homo economicus* (DEBRAY, 2019).

A revolução digital, que codifica todo e qualquer fato em uma noção binária, claramente tem um grande papel na virada do qualitativo para o quantitativo. Mas, se *data* e *big data* são atualmente a chave para os ‘segredos finais’, é preciso colocar isso em perspectiva. Não foi um *coup d’état*, mas sim uma pancada contra do estado. *Homo economicus* destronou o *Homo politicus*, que por três séculos comandou nossas lendas e também a categoria de base, e removeu, na era do Iluminismo, o *Homo religious* do seu pedestal (DEBRAY, 2019, p. 33, tradução nossa)<sup>17</sup>.

O *Homo economicus* é assujeitado pela ideologia da fluidez e da incerteza junto com seus objetos técnicos. O midiologista sabe que não existe mente sem a máquina (DEBRAY, 2019) e que a homogeneização do discurso também se dá por meio da técnica.

O homem que naturalizou a técnica digital não é capaz de questionar, por exemplo, o paradoxo dos espaços coletivos e o processo de identificação. A revolução desencadeada pelo Facebook transforma não somente o espaço virtual (*online*), mas também o espaço físico (*offline*).

O site da empresa de arquitetura Gensler descreve os quarto e quinto andares Moffit como “espaços colaborativos, uns para estudo coletivo, outros para concentração e foco”. A alternância entre o coletivo e o individual é apenas mais uma estratégia para resultados. Assim, não há espaço de reflexão fora: a biblioteca de acesso 24 horas, 7 dias por semana, tudo permite - comida, bebida, conversa, cochilo - desde que os resultados apareçam. Rapidamente, de preferência.

O paradoxo se estabelece nesse jogo de liberdade e submissão do sujeito discursivo. Ele é livre para dizer, mas a língua, a história e a ideologia o submetem ao assujeitamento.

---

<sup>17</sup> “The digital revolution, which codifies any fact whatsoever into binary notation, clearly plays a large part in this qualitative leap of the quantitative. But if data and big data are today the keys to the ‘final secrets’, this needs to be put into perspective. It is not a *coup d’état*, but a blow against the state. *Homo economicus* has dethroned *Homo politicus*, who for three centuries had headed our legends as well as the junior staff, and had himself, in the age of Enlightenment, remove *Homo religious* from his pedestal.

## Uma nova ordem econômica? O Capitalismo de Vigilância

Não há nada novo sob o Sol,  
e a eterna repetição das coisas  
é a eterna repetição dos males.  
Quanto mais se sabe, mais se pena.  
E o justo como o perverso,  
nascidos do pó, em pó se tornam.

*A cidade e as serras*  
Eça de Queirós

A trajetória de Jacinto é narrada pelos olhos de Zé Fernandes com a finalidade de convencer o leitor de *A cidade e as serras*, como posto na epígrafe, que a vida simples do campo em Portugal é superior à vida cercada de tecnologia na cidade da Luz. O personagem principal da narrativa de Queirós era infeliz mesmo com toda tecnologia que o cercava e, apesar do livro ter sido publicado em 1901, ainda guarda questões pertinentes ao homem pós-moderno.

Sofremos de fatura, da mesma melancolia e angústia que Zé Fernandes usa para descrever seu amigo. A fatura vem do excesso de opção que gera FOMO (o medo de ficar de fora) como explica Dossey (2014):

FOMO é considerada uma forma de ansiedade social – uma preocupação compulsiva sobre a oportunidade de estar perdendo uma interação social, uma experiência nova, ou algum outro evento que geralmente são publicados em redes sociais. FOMO reflete uma preocupação que os amigos possam estar experimentando algo que falta para aquele que observa (DOSSEY, 2014, p.69).

A vida e a felicidade continuam sendo pautas para ardentes debates e muitos empresários, como Mark Zuckenber, acreditam que a inteligência artificial e a programação algorítmica apresentam respostas. Se temos demais, por que não deixar que uma linguagem matemática decida por nós? Porém, autores como Yuval Noah Harari<sup>18</sup> (2016) e Shoshana Zuboff (2019) discordam dessa proposição. Para Zuboff (2019), a personalização dos serviços no Capitalismo de Vigilância é equivalente a conquistar e subordinar os usuários às empresas que oferecem tais serviços.

Zuboff, professora emérita da Universidade de Harvard, cunhou o termo Capitalismo de Vigilância em seu artigo *Big Other*, publicado em 2015 no *Journal of Information and*

---

<sup>18</sup> Entrevista complementar: Mark Zuckerberg & Yuval Noah Harari in conversation. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Boj9eD0Wug8&t=4374s>>. Acesso em: 6 mai. 2019.

*Technology*. Relacionando a teoria behaviorista de Skinner, a distopia de Orwell e a trajetória do Google, a autora aponta que essa nova ordem econômica utiliza experiências humanas como matéria prima para fins comerciais, em um processo de desapropriação dos direitos humanos básicos servindo como uma ameaça direta à democracia.

Longe do clichê “quando o serviço é de graça, você é o produto”, Zuboff elabora uma metáfora na qual os usuários dessa nova ordem econômica não passam de carcaças abandonadas, como elefantes após a extração do marfim (ZUBOFF, 2019). Para a autora, as empresas de tecnologia digital comercializam o *surplus* de seus usuários, aquilo que deixamos como rastro na internet, para criação de produtos cada vez mais *personificados* que acabam guiando as escolhas de seus usuários. Zuboff dá exemplo de produtos como *Alexa*, um dispositivo da Amazon que responde a comandos de voz para funções como tocar música, regular a temperatura e a luz ambiente, fazer compras online, entre outras. Todos os dados são armazenados e estão à disposição dos engenheiros da Amazon, que trabalham para desenvolver o *voice-sniffer algorithm* que pretende interagir automaticamente às palavras gatilho como “comprar”, “amar”, “não gostar”.

A Amazon não é a única empresa que desenvolve assistentes pessoais. Aparelhos celulares como o iPhone oferecem Siri, entretanto, a diferença do *voice-sniffer algorithm* é a autonomia da resposta diante das palavras gatilho<sup>19</sup>. Esse alto índice de personalização leva a um conhecimento da ordem do íntimo, daquilo que costumava ser inalcançável. Os algoritmos são capazes de prever e criar necessidades que o usuário desconhecia. Esse direcionamento esbarra necessariamente na questão da liberdade e do direito.

Nós todos nos tornamos um pouco ciborgue. Nosso telefone é uma extensão de nossa memória; nós terceirizamos funções básicas para algoritmos; nós entregamos nossos segredos para serem armazenados em servidores e ocupados por computadores. O que precisamos é lembrar-nos que não estamos apenas nos fundindo com máquinas, mas com as empresas que operam as máquinas (FOER, 2017, p. 8, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Permitir que as empresas que operam as máquinas tomem decisões é uma das grandes questões que difere o Capitalismo do sujeito-de-direito do Capitalismo de Vigilância: por não haver uma lei que regule essas empresas, na maioria das vezes elas criam suas próprias

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Business/amazon-patent-reveals-voice-sniffer-algorithm-analyze-conversations/story?id=54175793>>. Acesso em: 7 de mai. de 2019.

<sup>20</sup> “We've all become a bit cyborg. Our phone is an extension of our memory; we've outsourced basic functions to algorithms; we've handed over our secrets to be stored on servers and minded by computers. What we need to always remember is that we're not just merging with machines, but with the companies that run the machines”

políticas de privacidade e isso pode ter consequências gravíssimas para o sistema democrático. O caso *Cambridge Analytica*<sup>21</sup> é um exemplo de como o uso de dados pessoais impactaram nas votações do Brexit e na eleição presidencial estadunidense de 2016.

Zuboff afirma que a auto regulação faz com que as políticas de privacidade e os códigos de conduta dessas empresas se tornem documentos normatizadores. Utilizando a chegada de Cristóvão Colombo em Cuba como ponto de reflexão, a autora revela a importância da cenografia da conquista, que impõe uma nova realidade criando fatos que antes não existiam. “Declarações são inerentemente invasivas pois impõem novos fatos ao mundo social, enquanto seus declaradores criam maneiras para fazer com que as outras pessoas concordem com esses fatos” (ZUBOFF, 2019, p. 270, tradução nossa<sup>22</sup>).

A legitimação, no exemplo de Colombo, se dá de forma materializada no *Requerimiento*, decreto monarca de 1513 que estabelecia a ordem dos ataques nas vilas indígenas. A escolha de Zuboff (2019), nada aleatória, resgata a violência do exercício “cínico e cruel” durante o processo de invasão. Cínico, pois os nativos eram interpelados em uma língua que desconheciam, e cruel, já que eram obrigados a se render a um documento que deveria garantir a justiça. Os relatos de resistência eram chamados de revolta, legitimando o uso de força brutal de retaliação.

Por que trazer à memória algo que parece tão distante, não só cronologicamente, mas que a princípio não se relaciona com os procedimentos da era digital? Não há sangue, mas há violência. Uma violência silenciosa que guarda o cinismo do ataque *civilizatório* de 1513. Empresas de tecnologia digital, como Google, ao apresentarem suas próprias políticas de privacidade e contratos que podem ser mudados frequentemente<sup>23</sup> estabelecem o espaço no qual o Capitalismo de Vigilância se torna a nova ordem, retomando a cenografia da colonização de Colombo.

---

<sup>21</sup> CADWALLADR, C. My TED talk: how I took on the tech titans in their lair. In: The Guardian, 21 abril 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2019/apr/21/carole-cadwalladr-ted-tech-google-facebook-zuckerberg-silicon-valley>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

<sup>22</sup> Declarations are inherently invasive because they impose new facts on the social world while their declarers devise ways to get others to agree to those facts.

<sup>23</sup> **We change this Privacy Policy from time to time.** We will not reduce your rights under this Privacy Policy without your explicit consent. We always indicate the date the last changes were published and we offer access to [archived versions](#) for your review. **If changes are significant, we'll provide a more prominent notice** (including, for certain services, email notification of Privacy Policy changes). <<https://policies.google.com/privacy?hl=en-US#about>>. Acesso em: 16 jun. 2019

Zuboff (2019) se refere à essa dinâmica como *conquista por declarações*, que dialoga com a ideia de processo civilizatório de Debray (2019). A nova ordem econômica transforma a cultura, modificando tudo para que se torne espelho dela mesma, inclusive os espaços urbanos.

### O assujeitamento do sujeito no Capitalismo de Vigilância: uma atualização do conceito na era dos algoritmos

Entendemos que no Capitalismo de Vigilância, o sujeito não se constitui somente pela ordem do esquecimento daquilo que o determina (PÊCHEUX, 1995), já que tem a ilusão de ser origem de seu discurso, mas também pela ordem do direcionamento algorítmico que determina aquilo a que o indivíduo é exposto, em um gesto de policiamento dos enunciados e apagamento seletivo da memória já previsto por Pêcheux (2014).

Entendemos *indivíduo* e *sujeito* segundo o funcionamento da Ideologia e sua interpelação, como “processo natural e sócio-histórico pelo qual se constitui-reproduz o efeito-sujeito como *interior* sem *exterior*” (PÊCHEUX, 1995, p. 163). O sujeito do discurso tem a ilusão de que é a origem do que diz, sem a consciência de que o dizer possível se faz naquele recorte histórico ao mobilizar discursos outros que o atravessam.

A ordem do direcionamento algorítmico trabalha com os *resíduos do interior*, aquilo que Zuboff (2019) chama de *surplus*, para exibir um conteúdo cada vez mais personalizado para cada usuário, jogando com a ideia de autonomia. Aparentemente existe a liberdade de escolha, mas os algoritmos, ao escolherem um conjunto de possibilidades, assujeitam o usuário, assim como a língua, a história e a ideologia assujeitam o sujeito do discurso.

Zuboff (2019) ainda ressalta que o Capitalismo de Vigilância não pode ser reduzido à máquinas e sequências algorítmicas, pois o discurso que circula não é somente da ordem da técnica, mas também das relações de poder que se estabelecem nas instituições que produzem os objetos técnicos.

“Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos” (ORLANDI, 2015, p. 9) ajuda-nos a entender que se a programação algorítmica é

tida como linguagem, ela também não é neutra. A própria definição de algoritmo é amplamente debatida dentro das ciências computacionais (MOSCHOVAKIS, 2001). Para Finn (2017), nossa confiança em sistemas computacionais, mais precisamente nas soluções que os algoritmos nos apresentam, está relacionada à história da matemática como linguagem perfeita do mundo natural,

*Mathesis universalis*, uma linguagem da ciência que os filósofos Gottfried Wilhelm Leibniz, René Descartes e outros pressagiaram como uma forma de alcançar a perfeita compreensão do mundo natural. Esta linguagem perfeita descreveria exatamente o universo através de sua gramática e vocabulário, tornando-se um novo tipo de magia racional descreveria e seria o mundo para os cientistas (FINN, 2017, p. 25, tradução nossa<sup>24</sup>).

Dessa forma, algoritmos são associados à solução de problemas, como uma receita ou uma sequência instrucional para calcular um resultado lógico (FINN, 2017). Portanto, a confiança depositada na linguagem matemática, posta como um paradigma inquestionável, aponta para o funcionamento do processo de interpelação do indivíduo em sujeito discursivo, que segundo Pêcheux (1995, p. 163), “se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina”.

Pode-se dizer que o capitalismo de vigilância tem como estrutura fundamental o jogo de identificações dessas formações discursivas que constituem o sujeito discursivo, principalmente em uma sociedade na qual a Ciência é um dos principais pilares.

Ao compararmos o direcionamento algorítmico à construção ideológica<sup>25</sup> feita por meio dos AIE, percebemos que o direcionamento trabalha com dados concretos (*surplus*) deixados pelos usuários durante a navegação no ciberespaço, transcendendo os ritos coletivos aos quais somos submetidos diariamente, como ir à escola, ao trabalho, à igreja, e que são responsáveis pela manutenção dos discursos que atravessam e transformam indivíduos em sujeitos discursivos.

---

<sup>24</sup> *Mathesis universalis*, a language of science that the philosophers Gottfried Wilhelm Leibniz, René Descartes, and others presaged as a way to achieve perfect understanding of the natural world. This perfect language would exactly describe the universe through its grammar and vocabulary, becoming a new kind of rational magic for scientists that would effectively describe and be the world.

<sup>25</sup> Segundo a definição de Aparelhos Ideológicos do Estado de Althusser (1998).

A possibilidade de acessar e cruzar dados pessoais de modo massivo e abrangente, como nunca feito por Aparelhos Ideológicos, faz com que o direcionamento algorítmico dialogue com o conceito de *psicopoder* na sociedade da transparência,

Hoje uma nova mudança de paradigma se realiza. O panótico digital não é uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica. E no lugar de biopoder, entra o *psicopoder*. A psicopolítica está em posição para, com a ajuda da vigilância digital, ler e controlar pensamentos [...] o *psicopoder* está em condições de intervir nos processos psicológicos (HAN, 2018, p. 253, grifo do autor).

A interferência nesses processos psicológicos que Han descreve se inicia no controle do pensamento e se desdobra nos espaços. O *psicopoder* é responsável por remodelar estruturas estabelecidas – a biblioteca Moffitt, por exemplo – para que se tornem um “abismo infernal do igual” (HAN, 2018, p. 9) ou uma cópia das sedes das empresas de tecnologia digital.

### A não biblioteca: considerações finais

Muda-se a identidade daquilo que definimos como biblioteca. Os espaços que guardam os livros, a estrutura física, as práticas, os leitores e os bibliotecários. Tudo é afetado em um gesto que parece, simplesmente, uma reforma. Mas a técnica, segundo Santos (2017) só pode ser analisada dentro da sociedade que a utiliza e a significa nas suas práticas;

a técnica é um elemento importante de explicação da sociedade e dos lugares, mas sozinha, a técnica não explica nada. Apenas o valor relativo é valor. E o valor relativo só é identificado no interior de um sistema da realidade, e de um sistema de referências elaborado para entendê-la, isto é, para arrancar o fato isolado da sua solidão e seu mutismo (SANTOS, 2017, p. 46).

Práticas que são em primeira instância discursivas. Não se reforma um discurso, outro toma seu lugar, portanto, o (*re*)*imaginar e revitalizar* Moffitt, como é descrito no site notícias da Universidade de Berkeley, vai muito além de reorganizar cadeiras e repintar paredes. É um exercício de desconstrução que antecede Moffitt, que apesar de ser chamada de biblioteca, nada guarda de sua irmã Doe Memorial.

McNamee (2019), ao falar sobre a obra 1984, de George Orwell, aponta que na ficção o Estado é o *Big Brother* responsável por controlar os sujeitos, enquanto na realidade isso está acontecendo por meio de companhias privadas cujo objetivo principal é o lucro. A

remodelagem da biblioteca é um indicativo sintomático das relações entre os processos discursivos, a construção da identidade do sujeito e seus desdobramentos no espaço urbano.

Moffitt não é apenas um espaço físico, é também uma *hashtag*, um perfil no Facebook e uma conta no Twitter. *Um quase lugar* de intersecção entre o *online* e o *off-line*, pois o desenho do espaço físico remete a todo instante à colonização do ciberespaço feita por empresas que definiram suas próprias leis e sua própria estética.

Um projeto civilizatório que não está relacionado com nações, mas com empresas privadas que trabalham para que o *surplus* de seus usuários sejam sempre ferramentas de controle, impondo o processo de assujeitamento direcionado pela linguagem algorítmica.

Harari (2016) alerta sobre os perigos de poucas empresas, que se auto regulam, definirem o que é *bom/certo* ou *ruim/errado* para uma grande parcela da população do ocidente. O principal perigo ameaça a democracia, pois, cada vez que seus usuários terceirizam suas decisões para seus smartphones na busca por agilidade e dinamismo, também permitem que os algoritmos determinem suas escolhas políticas e esquecem que o lema do Google “faça a coisa certa<sup>26</sup>” não diz respeito necessariamente ao cuidado com seus usuários, mas possivelmente com seu próprio lucro.

O direito aos espaços, sejam eles *online* ou *off-line*, é afetado pelo posicionamento das empresas que programam os algoritmos e o sujeito, submetido à ideologia que rege o paradigma digital, segue potencialmente oprimido na ilusão de liberdade.

Artigo recebido em 10 mai. 2019.

Aprovado para publicação em 08 jul. 2019.

## Referências bibliografia

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1998.

---

<sup>26</sup> *Do the right thing*, lema adotado no código de conduta da Alphabet, empresa a qual o Google pertence. Disponível em: < <https://abc.xyz/investor/other/code-of-conduct/>>. Acesso em: 9 mai. 2019.

- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- DEBRAY, R. *Civilization: How We All Became American*. New York: Verso, 2019.
- \_\_\_\_\_, R. *Deus, um itinerário: Material para história do Eterno no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_, R. *Introdução à Mediologia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- \_\_\_\_\_, R. *Manifestos Midiológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- DOSSEY, L. “FOMO, Digital Dementia, and our Dangerous Experiment”. *Explore: The Journal of Science and Healing*, v. 10, março/abril, 2014, p. 69-73.
- FINN, E. *What Algorithms Want: Imagination in the Age of Computing*. Cambridge: MIT Press, 2017.
- FOER, F. *World Without Mind: The existential threat of big tech*. New York: Penguin Press, 2017.
- HAN, B. C. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- \_\_\_\_\_, B. C. *No exame: Perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HARARI, Y. N. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KELL, G. Reimagined and revitalized Moffitt Library opens Wednesday. *Berkeley News*, novembro 2016. Disponível em: <<https://news.berkeley.edu/2016/11/01/reimagined-and-revitalized-moffitt-library-opens-wednesday/>>. Acesso em: 30 abril 2019.
- LEFFA, V. J. Vygotsky e o ciborgue. In: SCHETTINI, R. H., et al. *Vygotsky: um revisita no início do século XXI*. São Paulo: Andross, 2009, p. 131-155.
- MARTINS, H. *Experimentum Humanum - Civilização Tecnológica e Condição Humana*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- MCNAMEE, R. *Zucked: waking up to the facebook catastrophe*. New York: Penguin Press, 2019.
- MOSCHOVAKIS, Y. N. What is an algorithm? In: BJORN ENGQUIST, W. S. *Mathematics Unlimited - 2001 and Beyond*. Berlin: Springer, 2001.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_, M. Ler o Arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. *Gestos de Leitura: da história no Discurso*. 4ª Ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

POE, E. A. A queda da casa de Usher. In: *Edgar Allan Poe, Histórias extraordinárias*. Belo Horizonte : Cultrix, 2011.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2004.

QUEIRÓS, E. D. *A cidade e as serras*. Porto: Livraria Chardron, 1901.

SANTOS, M. *A natureza do Espaço*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

ZUBOFF, S. *The Age of Surveillance Capitalism*. Vol. 1. New York: PublicAffairs, 2019.